

O FEMINISMO ECOLÓGICO DE VIRGINIA WOOLF: UM JARDIM TODO SEU PARA MRS DALLOWAY

Angela GUIDA*

Daniel Almeida MACHADO**

■ **RESUMO:** Pretende-se, com este artigo, abordar a obra *Mrs Dalloway* (1925), de Virginia Woolf, à luz da ecocrítica e do pensamento ecofeminista. Deste modo, mostrar-se-á como esse texto clássico da renomada escritora inglesa promove um diálogo entre o mundo humano e o natural, distanciando-se de uma representação literária meramente antropocêntrica. Ademais, ao aproximar-se a poética woolfiana dos estudos que almejam problematizar a maneira como lidamos com o Planeta e as outras formas de vida, buscase pensar a possibilidade do prenúncio de um feminismo ecológico no referido texto, que é anterior aos estudos teóricos ecocríticos/ecofeministas e que, portanto, pode ser lido como um texto literário que já discutiria problemas que só viriam a lume décadas mais tarde. A fim de contemplar o recorte teórico, apoiar-se-á em pensadoras e pensadores da ecocrítica e do ecofeminismo, a exemplo de Plumwood (2003), Haraway (2021, 2023), Swanson (2012). Com isso, demonstrar-se-á a atualidade que *Mrs Dalloway* possui no centenário de sua publicação, ainda capaz de suscitar novas leituras e aprendizados, a exemplo do leitura ecológica que se pode fazer desse texto no século XXI.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Ecofeminismo. Ecocrítica. Literatura inglesa. Virginia Woolf. Mrs Dalloway.

Os homens não devem derrubar as árvores

Virginia Woolf (2025, p. 32)

Amor à terra

Laranja na mesa.

Bendita a árvore que te
pariu.

Clarice Lispector (1999, p. 128)

* UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Faculdade de Artes, Letras e Comunicação - Departamento de Letras. Campo Grande - MS - Brasil. 79070-700 - angelaguida.ufms@gmail.com

** Bolsista CAPES. Doutorado em Estudos de Linguagens. UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Faculdade de Artes, Letras e Comunicação - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens. Campo Grande - MS - Brasil. 79070-700 - danimachx22@gmail.com

Levai-me aonde quiserdes!
— aprendi com as primaveras
a deixar-me cortar e a voltar sempre inteira.

Cecília Meireles. (1945, p. 105).

Introdução

É provável até que a pessoa não tenha lido o romance *Mrs Dalloway*, mas decerto já ouviu, repetiu e compartilhou a icônica frase – “A Sra. Dalloway disse que ela mesma iria comprar as flores” (Woolf, 2025, p. 11). O romance que completa seu centenário neste ano e sua autora dispensam apresentações. Quando o assunto é alteridade feminina, não se pode prescindir do diálogo com Virginia Woolf. Até mesmo um dos ícones do pensamento feminista, Simone de Beauvoir, foi leitora confessa de Mme Woolf, como expõe em suas memórias: “Além dos livros que li com Sartre [...] todos os livros de Virginia Woolf” (Beauvoir, 2017, p. 58). Isso posto, vamos abrir caminho para uma abordagem mais fresca que tem sido feita da poética de Virginia Woolf. Falamos do pensamento ecológico. Na verdade, não é tão recente assim, pois há pelo menos quinze anos o mundo natural na obra da escritora britânica desperta a atenção de pesquisadores interessados nessa temática, sobretudo, nos países de língua inglesa, como Estados Unidos. O frescor fica por conta das abordagens realizadas no Brasil que, até o momento desta escrita, revelam-se incipientes. Ainda são tímidas as pesquisas que exploram esse lado na obra de Woolf, apesar de o mundo natural sempre ter estado presente. Era só uma questão de tempo até abrirmos nossos olhos para esse lado de sua poética.

Desde 1991, acontece anualmente a conferência sobre a obra de Virginia Woolf com temas variados. Em 2010, em Georgetown, Estados Unidos, aconteceu a 20ª Conferência e o tema selecionado para o evento de então foi *Virginia Woolf and The natural world*. Os trabalhos apresentados no congresso deram origem a uma publicação, em 2011, que contemplou abordagens ligadas ao pensamento ecológico presente na obra da escritora britânica – *Virginia Woolf and The natural world*, organizada por Kristin Czarnecki e Carrie Rohman. Ao que parece, essa teria sido uma das primeiras publicações a contemplar o viés ecológico-ambiental na obra de Woolf, portanto, tornou-se uma referência nos estudos dessa natureza. São trinta e um capítulos que exploram diversas nuances dentro do pensamento ecológico na obra de Virginia Woolf, que passam por questões ligadas ao clima e ao ecofeminismo. Em 2023, a conferência anual novamente se voltou para a questão ambiental na obra de Woolf e o tema da 32ª Conferência, que aconteceu na Flórida, foi *Virginia Woolf and Ecologies*.

Woolf nasceu na segunda metade do século XIX e iniciou suas publicações no raiar do século XX, portanto, uma época em que questões ligadas ao ecossistema,

meio ambiente não recebiam a atenção que recebem na atualidade e, ainda assim, a escritora britânica antecipa muitas discussões que só agora ganham força, como, por exemplo a ideia de coexistência defendida por Timothy Morton em *O pensamento ecológico* “A ecologia abarca todas as maneiras pelas quais imaginamos como vivermos juntos. A ecologia é profundamente ligada à coexistência. Existência é sempre coexistência” (Morton, 2023, p.16) ou de multiespécie, defendida por Donna Haraway em *Ficar com o problema: fazer parentes no chthluceno*. “O que deve ser cortado e o que deve ser amarrado para que o florescimento multiespécie, incluindo seres humanos e alteridades não humanas em parentesco, possa ter alguma chance na Terra?” (Haraway, 2023, p. 11) São muitos os momentos pela obra de Woolf em que se é possível vislumbrar essa noção de coexistência:

Assim dando à Natureza, e assim dela recebendo, era como se a Natureza e Dorothy, à medida que aqueles dias de ascese e de desafios passavam, tivessem crescido juntas numa empatia perfeita – empatia nem fria nem vegetal nem inumana, porque em seu cerne se abrasava outro amor, o dela por seu “amado”, seu irmão, que era de fato o coração e a inspiração de tudo. William e a Natureza e Dorothy não compunham um mesmo ser? Não formavam uma trindade, autônoma e independente, quer estivesse dentro ou fora de casa? (Woolf, 2014, p. 97, grifos nossos)

Para a pesquisadora Diane Swanson, uma das possibilidades de se ler a obra de Virginia Woolf à luz de reflexões teóricas que só vieram a lume em meados do século XX, como é o caso do ecofeminismo e da ecocrítica é pelos dispositivos protoecológicos. Essa seria uma das formas de se ajustar um possível problema de anacronismo.

Anachronism is one of the first problems to consider. The most we can argue for Woolf is proto-ecofeminism. “Ecology” was available as a term by 1866, in the work of German biologist Ernst Haeckel. Thus it is roughly contemporary with the largely compatible evolutionary work of Charles Darwin, and was an evolving science in the modernist era. Ecology takes its name from the Greek word for “house,” suggesting an ordered, sustaining system in a sheltered space, but also domesticity which poses its own challenge for feminist analysis, and indeed for ecological science with its increased interest in ecological chaos. Proto-ecological narratives are decipherable in both Romantic and Victorian literature, not to mention the work of ancient Greeks themselves¹. (Swanson, 2012, p. 8)

¹ O anacronismo é um dos primeiros problemas a considerar. O máximo que podemos argumentar a favor de Woolf é o proto-ecofeminismo. O termo “Ecologia” estava disponível em 1866, no

Diane Swanson (2012) argumenta que a ecocrítica e o ecofeminismo, embora sejam abordagens novas na obra de Woolf, trata-se de procedimentos teóricos e metodológicos de leitura que se constituem como campos férteis de pesquisa na escrita da autora de *Três Guinéus*. No caso da ecocrítica, os elementos ligados ao ecossistema não aparecem apenas em seu uso estético, como um mero adorno, mas induzem a reflexões importantes, uma vez que deslocam o olhar do centrado mundo humano para as periferias do não humano. “Mas com a natureza ele aprendera também a estar contente, não de um modo impensado ou egoísta, nem por certo com resignação, e sim com uma confiança saudável na sabedoria da própria natureza” (Woolf, 2014, p. 33). Lá estão elas (as rosas); e é delas, das mais imóveis e serenas, das mais autossuficientes de todas as coisas, que os seres humanos fizeram companheiras” (Woolf, 2014, p. 60). “Os homens não devem derrubar as árvores” (Woolf, 2025, p. 32).

Em vários momentos de sua obra, Woolf antecipa as discussões do ecofeminismo. Em *Três guinéus*, chega a elaborar uma associação direta entre o costume da caça e o preparo para a guerra com os meninos. Ainda crianças, esses meninos matam passarinhos e outros bichos e, quando adultos, vão para a guerra matar pessoas e expor suas próprias vidas à morte. Essa violência que associa gênero e mundo natural tem sido chamada de ecofeminismo, conforme argumenta um dos mais relevantes nomes do ecofeminismo, a indiana Vandana Shiva: “Pela noção de interconexão através da vida, a natureza e as mulheres são seres vivos e autônomos, não objetos inertes passivos, explorados e violados pelo poder masculino” (Shiva, 2020, p. 1). A relação de opressão e subjugação da mulher ao poder masculino encontra eco direto na opressão da natureza, porque “o patriarcado capitalista considera que a natureza é matéria inerte e as mulheres seres passivos (Shiva, 2020, p. 1). Mulheres essas que, na perspectiva de Woolf, dificilmente direcionam os rifles na direção de outros viventes, sejam eles humanos ou não. Aliás, essa compreensão de Virginia Woolf disseminada por toda sua obra, mas melhor exemplificada em *Três guinéus*, inscreve sua produção na vertente essencialista do ecofeminismo, que evidencia um pacifismo inerente às mulheres, em detrimento do homem que, desde criança, na forma como brinca, persegue, caça, mata os animais já está, em certa medida, exercendo um preparo para a guerra. “Segundo esta tendência (ecofeminismo essencialista), a obsessão que os

trabalho do biólogo alemão Ernst Haeckel. Portanto, é aproximadamente contemporâneo ao trabalho evolucionário amplamente compatível de Charles Darwin e foi uma ciência em evolução na era modernista. O nome Ecologia vem da palavra grega “casa”, sugerindo um sistema ordenado e sustentável em um espaço protegido, mas também domesticidade que representa seu próprio desafio para a análise feminista e, de fato, para a ciência ecológica com seu interesse crescente no caos ecológico. As narrativas protoecológicas são decifráveis tanto na literatura da era romântica quanto na era vitoriana, sem mencionar o trabalho dos próprios gregos antigos.

homens tem pelo poder levou – e ainda leva – o mundo a guerras catastróficas, ao envenenamento e a degradação do planeta.” (Torres, 2009, p. 164)

In Woolf’s work, young boys repeatedly encounter death or decay in nature and then later become the agents of death or violence themselves. Birds, crabs, and butterflies become their prey. If her consistent depiction of these actions qualifies them as “material rituals” then nature is the material reality—the staging ground—for violent subject formation². (Schisler, 2012, p. 18)

Raramente, no curso da história, um ser humano foi abatido pelo rifle de uma mulher; os pássaros e os animais foram e são, em sua grande maioria, mortos por vocês, não por nós; e é difícil julgar aquilo de que não fazemos parte. (Woolf, 2019, p. 12)

Saberes ecofeministas

Não sem algum questionamento³, é na década de 70, pelas mãos da feminista francesa Françoise D’Eaubonne que o termo-conceito ecofeminismo teria vindo a lume. No livro *O feminismo ou morte*, D’Eaubonne entrevê uma conexão entre as relações nocivas do patriarcado não só na vida das mulheres, mas também com tentáculos que alcançam o meio ambiente. D’Eaubonne vislumbra um Planeta no gênero feminino, por acreditar que, a depender da sociedade masculina, O Planeta e, por conseguinte, a humanidade corre sérios riscos. “Planeta no gênero feminino tornar-se-ia outra vez verde para todos” (D’Eaubonne *apud* Braidotti, 1994, p. 236). A luta feminista e a luta ecológica se encontram na luta pela libertação e pela vida. “O feminismo, ao libertar a mulher, liberta a humanidade inteira. É o que mais se assemelha ao universalismo. Encontra-se na base dos valores mais imediatos da Vida e é por aqui que coincidem a luta feminista e a luta ecologista” (D’Eaubonne *apud* Beltrán, 2019, p. 119). À D’Eaubonne coube nomear, mas a disseminação dos saberes ecofeministas se deve principalmente a três mulheres: Vandana Shiva (*Ecofeminismo*), Karen Warren (*Ecofeminist Philosophy*) e Val Plumwood (*Feminism and the mastery nature*)

² Na obra de Woolf, meninos jovens repetidamente encontram a morte ou a decadência na natureza e depois se tornam eles próprios agentes da morte ou da violência. Pássaros, caranguejos e borboletas se tornam suas presas. Se sua representação consistente dessas ações as qualifica como “rituais materiais”, então a natureza é a realidade material – o campo de preparação – para a formação de sujeitos violentos.

³ Pedro Brum (2017) destaca que a controvérsia se dá porque há quem defenda a ideia de que o termo teria surgido naturalmente em diferentes contextos de ativismo internacional, ou seja, antes de D’Eaubonne fazer uso do termo, ele já pairava no ar.

Assim como há o questionamento com relação à autoria do termo ecofeminismo, também não são raros alguns dissensos no que tange a sua conceituação, em virtude das posições ligadas às próprias teorias feministas às quais as teóricas ecofeministas se encontram vinculadas. No campo teórico-conceitual, existem distintas perspectivas e/ou vertentes ecofeministas, sendo as de maior destaque: a essencialista, fortemente vinculada à identidade de gênero, e a construtivista, vinculada aos papéis sociais que são atribuídos às mulheres. Elisabeth Beltrán, a partir do estudo de Yayo Herrero (2013) destaca as seguintes perspectivas ecofeministas:

*Os ecofeminismos essencialistas que criticam a subordinação feminina e da natureza propõem reivindicar o ser mulher como alternativa para salvar o planeta;

*Os ecofeminismos do Sul, que criticam o patriarcado e o “mau desenvolvimento”, e consideram as mulheres como portadoras do respeito à vida; e os ecofeminismos construtivistas, que consideram que a relação;

*Os ecofeminismos construtivistas, que consideram que a relação das mulheres com a natureza obedece a uma construção social e está vinculada à divisão sexual do trabalho que sustenta as sociedades patriarcais capitalistas. (Beltrán, 2019, p. 21)

No entanto, ainda que haja dissensos entre as diferentes abordagens e/ou perspectivas, um ponto parece ser comum: a convergência entre a opressão da mulher e a opressão da natureza pelo poder patriarcal e pelo capitalismo integrando um mesmo fenômeno. Para Karen Warren, não há como ignorar semelhante relação.

El feminismo ecológico es la tesis de que hay importantes conexiones – históricas, experienciales, simbólicas y teóricas – entre la dominación de las mujeres y la dominación de la naturaleza, cuya comprensión es crucial tanto para el feminismo como para la ética ambiental. Sostengo que la promesa y el poder del feminismo ecológico radica en el hecho de que proporciona un marco único tanto para concebir de una manera moviedosa el feminismo, como para desarrollar una ética ambiental que tome en serio las conexiones existentes la dominación de las mujeres y la dominación de la naturaleza. [...] Mi conclusión es que cualquier teoría feminista y cualquier ética ambiental que no considere seriamente la dominación doble y interconectada de las mujeres y de la naturaleza es incompleta en el mejor de los casos, en el peor, es simplemente inadecuada⁴. (Warren, 2004, p. 233)

⁴ O feminismo ecológico é a tese de que há ligações importantes – históricas, experimentais, simbólicas e teóricas – entre a dominação das mulheres e a dominação da natureza, cuja compreensão

Val Plumwood e Vandana Shiva compartilham de posições semelhantes às de Warren. Na perspectiva de Plumwood, mulher e natureza são igualmente vítimas do pensamento dualista, que se estrutura em relações hierárquicas desde tempos remotos, ou seja, é a raiz do pensamento/filosofia ocidental. “In dualism, the more highly valued side (males, humans) is construed as alien to and of a different nature or order of being from the ‘lower’, inferiorised side (women, nature) and each is treated as lacking in qualities [...]”⁵. (Plumwood, 2003, p. 32) Um dualismo que necessita ser desconstruído, uma vez que ele sustenta uma relação antípoda entre humano e natureza e daí para os outros dualismos é apenas um pulo. É essa relação dualista e, por conseguinte, norteadada pelo poder hierárquico, que legitima a ideia de que homens são superiores às mulheres e o ser humano é superior ao mundo natural.

[...] For example, the postulate that all and only humans possess culture maps the culture/nature pair on to the human/nature pair; the postulate that the sphere of reason is masculine maps the reason/body pair on to the male/female pair; and the assumption that the sphere of the human coincides with that of intellect or mentality maps the mind/body pair on to the human/nature pair, and, via transitivity, the human/nature pair on to the male/female pair⁶. (Plumwood, 2003, p. 45)

Trata-se de relações de poder e de dominação tão acentuadas, às quais motivam Vandana Shiva a estabelecer, por exemplo, conexões entre a violência sexual sofrida por mulheres e o estupro da Terra, sobretudo, na Índia. Para a ativista indiana, essas duas forças de dominação estão interligadas, tendo como opressores o sistema patriarcal e o sistema econômico capitalista.

é crucial tanto para o feminismo como para a ética ambiental. Defendo que a promessa e o poder do feminismo ecológico residem no facto de fornecer um quadro único tanto para conceber o feminismo de uma forma livre como para desenvolver uma ética ambiental que leva a sério as ligações entre a dominação das mulheres e a dominação da natureza. [...] Minha conclusão é que qualquer teoria feminista e qualquer ética ambiental que não considere seriamente a dominação dupla e interligada das mulheres e da natureza é, na melhor das hipóteses, incompleta e, na pior, seriamente inadequada. (Warren, 2004, p. 233)

⁵ “No dualismo, o lado mais valorizado (homens, humanos) é construído como estranho e de uma natureza ou ordem de ser diferente do lado “inferior”, inferiorizado (mulheres, natureza) e cada um é tratado como carente de qualidades [...]”. (Plumwood, 2023, p. 32)

⁶ [...] Por exemplo, o postulado de que todos e somente os humanos possuem cultura mapeia o par cultura/natureza para o par humano/natureza; o postulado de que a esfera da razão é masculina mapeia o par razão/corpo para o par masculino/feminino; e a suposição de que a esfera do humano coincide com a do intelecto ou mentalidade mapeia o par mente/corpo para o par humano/natureza e, via transitividade, o par humano/natureza para o par masculino/feminino. (Plumwood, 2003, p. 45)

Tenho enfatizado diversas vezes que o estupro da Terra e o estupro das mulheres estão intimamente ligados – tanto metafórica, na formação de visões de mundo, quanto materialmente, na formação do dia a dia das mulheres. A crescente vulnerabilidade econômica das mulheres as torna mais vulneráveis a todas as formas de violência, inclusive ao abuso sexual, como descobrimos durante uma série de audiências públicas sobre o impacto das reformas econômicas sobre as mulheres organizadas pela Comissão Nacional das Mulheres e a Fundação de Pesquisas para a Ciência, a Tecnologia e a Ecologia na Índia. (Shiva, 2021, p. 27)

A distintas vertentes ecofeministas, em maior ou menor grau de proximidade, guiam-se pela ética do cuidado e do valor à vida, não sem o brado de algumas vozes contestatórias, às quais acreditam que, sobretudo na vertente essencialista (aposta na relação entre mulher, maternidade e cuidado com o mundo natural), o valor à vida não é inteiramente abrangente, uma vez que não contemplam, por exemplo, as sexualidades *queer*. Nesse sentido, Greta Gaard advoga em favor de um ecofeminismo *queer* e argumenta que “[...] para ser verdadeiramente inclusiva, qualquer teoria ecofeminista deve levar em consideração as discussões da teoria *queer*; similarmente, a teoria *queer* deve considerar os achados do ecofeminismo”. (Gaard, 2011, p. 199). Talvez, mais que vozes contestatórias, sejam vozes outras que vislumbrem a necessidade de ecofeminismos com propostas de discussões com alcances cada vez maiores, até porque, mais do que uma teoria crítica, o ecofeminismo é um movimento de transformação de práticas cotidianas. Além do vínculo entre a opressão das mulheres e a exploração da natureza, como pontua Gaard, o ecofeminismo “baseia-se também no reconhecimento de que essas formas de dominação estão ligadas à exploração de classe, ao racismo, ao colonialismo e ao neocolonialismo” (Gaard, Murphy *apud* Soares, 2009, p. 3). Braidotti argumenta que “o feminismo não é um corpo canonizado de teorias, mas antes um amálgama de posições divergentes, por vezes, contraditórias” (1994, p. 97). O ecofeminismo pode ser pensado como uma via dentro do feminismo, portanto, não está imune a críticas, discussões, vozes dissonantes e contestatórias, quer em relação a uma identidade feminina protetora (mãe-natureza) ou a uma postura de espiritualidade (afinidades, na América Latina, com a Teologia da Libertação) ou a uma conduta interseccionalizada (gênero, raça, classe, natureza). Como alguma dessas vozes se fazem presentes na poética de Virginia Woolf e, de modo particular, em *Mrs Dalloway*, é o que passamos a discutir.

Mrs Dalloway e um jardim todo seu

Embora seja a frase inicial do romance, outrora citada por nós, de que Clarissa Dalloway iria comprar flores, talvez a mais conhecida do mesmo, é justamente na

mesma página que Virginia Woolf nos deixa uma pista para nos aprofundarmos na mente de sua protagonista: “[...] contemplando as flores, as árvores com a fumaça se desenrolando e as gralhas subindo, descendo; parada e olhando até que Peter Walsh disse: “Devaneando no meio das verduras?” (Woolf, 2025, p. 11). Neste desenrolar de um dia em que Clarissa maneja os exaustivos preparativos de uma festa que dará à noite, debruçando-se entre a compra de flores, convites a serem feitos, posicionamento das mesas dos convidados e o que será servido etc., em um belíssimo mês de Junho que “tinha alongado cada folha das árvores” (Woolf, 2025, p. 15), somos confrontados com uma escritura que, no interior de sua própria virtualidade textual, transporta-nos não somente para o interior de uma mulher mas sobretudo para o seu entorno. Todavia, é menos a descrição de um cenário propriamente dito que aqui importa, a amada Londres de Virginia Woolf, e mais a vida dos seres que circundam a passagem das horas de um dia da protagonista e “o florescer do dia [...] do lado de fora do seu corpo e da sua mente” (Woolf, 2025, p. 38). Lado outro composto de seres, no plural, na medida em que com a aproximação do mundo humano e não humano, e a celebração de um mundo natural por excelência, onde tudo que existe tem hora e vez, sem protagonismo exclusivo da humanidade, chega-se até mesmo a deslocar a centralidade de Clarissa na obra.

Conforme Mariana Cristina Marino e Emanuela Siqueira, em um dos poucos artigos em língua portuguesa que contemplam a ecocrítica e o ecofeminismo na obra de Virginia Woolf, há em *Mrs Dalloway* um “projeto woolfiano de criação de um ecossistema próprio” (Marino; Siqueira, 2022, p. 6), pois um dia na vida/mente de Clarissa Dalloway passa a ser as horas de uma vida em torno de outras, de humanos em contato consigo e com o mundo, seja este vegetal, mineral ou animal, em suma, da constatação implacável de que “a vida era absolutamente absorvente” (Woolf, 2025, p. 16), a tudo e a todas/todos. Ao fazer isso, segundo Marino e Siqueira (2022, p. 6), “a autora borra as lentes da lógica antropocêntrica e genderizada de que quem flana pela cidade é o humano homem (cis/hetero/branco) e que seu olhar tem primazia sobre tudo”, como é possível perceber em diversos momentos do texto.

Mestra absoluta da linguagem, Virginia planta inúmeras metáforas e símiles no romance, estabelecendo comparações com os outros reinos que habitam o Planeta. A alma, por exemplo, é “uma floresta coberta de camadas e camadas de folhas” (Woolf, 2025, p. 20). Ao experimentar a vibração de sua própria existência, entre a família, a cozinheira e a máquina de escrever, Clarissa sente-se “abençoada e purificada” (Woolf, 2025, p. 36), refletindo que “momentos como este são botões da árvore da vida, flores do breu é o que são [...] como se alguma adorável rosa tivesse florescido só para os seus olhos” (Woolf, 2025, p. 36). Mas também há espaço para a mera descrição, como recurso que também nos aproxima desse mundo outro. Adotando um procedimento semelhante ao que já realizara anteriormente no conto “Kew Gardens” (1919), que se inicia com uma extensa apresentação de plantas,

flores e do jardim, conduzindo a leitora ou leitor ao vivo reino vegetal, Virginia Woolf explora o espaço da floricultura Mulberry, situando-nos em um local que faz pulsar o coração de Clarissa, já que a mesma está perto de “suas irmãs, as plantas”, para lembrar do poema de Alberto Caeiro. É um momento de mergulho em cores, aromas e múltiplas espécies de flores, em que o detalhamento extensivo não se quer apenas ilustração, como se as flores fossem somente um adorno da obra ou da vida da Sra. Dalloway, mas a possibilidade de condução suave, sinestésica e corporal ao que seria a sensação de deslumbramento de Clarissa diante de suas “espécies companheiras” (Haraway, 2021):

Havia flores de todo tipo: delfínios, ervilhas-de-cheiro, molhos de lilás; e cravos, montes de cravos. Havia rosas; havia íris. Oh, sim... aspirava, assim, o doce aroma de terra de jardim enquanto conversava com a Srta. Pym [...] E depois, abrindo os olhos, que frescas pareciam as rosas, como roupas de linho pregueadas que acabaram de chegar da lavanderia em cestas de vime; e sombrios e soberbos os cravos rubros, mantendo suas corolas erguidas; e todas as ervilhas-de-cheiro espalhando-se em suas bandejas, tingidas de roxo, brancas como neve, pálidas - como se fosse tardezinha e moças em saias de musselina viessem colher ervilhas-de-cheiro e rosas depois que o magnífico dia de verão, com seu céu quase azul-marinho, seus delfínios, seus cravos, seus lírios, tivesse findado; e era o momento em que cada flor - rosas, cravos, íris, lilases - se inflama; branco; violeta, rubro, laranja forte; cada flor parece arder por si só, suavemente, simplesmente, nos canteiros enevoados; e como adorava as mariposas cinza-claro voando sobre a baunilha-de-jardim, sobre as primulas vespertinas! (Woolf, 2025, p. 21)

Presentes do começo ao fim, seriam as flores as verdadeiras protagonistas do romance? Elas agem como um duplo da vida, não obstante servindo de acesso para que entendamos melhor as personagens humanas, sobretudo Clarissa e Septimus, o veterano de guerra que Clarissa não conhece, tão somente passa por perto em suas andanças. Estranhos a si mesmos e, no entanto, intimamente conectados, representam uma vez mais este insondável cerne do romance: a possibilidade de estabelecer laços, mesmo com o que desconhecemos. Aparentemente vivendo o crepúsculo de sua razão, e aproximando-se daquilo que nossa sociedade julga como loucura, Septimus é capaz de abrir-se à aventura da descoberta. Inebria-se com o exterior quando está sentado no Regent's Park ao lado de sua esposa Rezia, “mas elas acenavam; as folhas estavam vivas, as árvores estavam vivas” (Woolf, 2025, p. 30), observa o aprendizado da fala de um bebê com entusiasmo para chegar à conclusão (talvez irônica) de que “a voz humana, sob certas condições atmosféricas (pois devemos ser científicos, sobretudo científicos), pode despertar as árvores para a vida!” (Woolf, 2025, p. 29). Ao repousar, sente que “a terra vibrava debaixo

dele. Flores rubras brotavam-lhe pela carne; suas folhas rígidas estalavam-lhe à cabeça” (Woolf, 2025, p. 74), tudo para culminar em um momento em que a própria alteridade do mundo se impõe, cuja suprema força de existir não é mais somente a humana:

Ele só tinha que abrir os olhos; mas eles tinham um peso; um medo. Ele forçou, pressionou; olhou; viu o Regent’s Park à sua frente. Longas faixas da luz do sol faziam festa a seus pés. As árvores ondulavam, cintilavam. Nós damos as boas-vindas, o mundo parecia dizer; nós aceitamos; nós criamos. A beleza, o mundo parecia dizer. E como se para prová-lo (cientificamente), para onde quer que olhasse, para as casas, as grades da cerca, os antílopes esticando o pescoço por sobre as paliçadas, a beleza surgia instantaneamente. Observar uma folha tremulando passagem de uma lufada de dar era uma rara alegria. No alto do céu as andorinhas riscavam o ar, serpenteavam, arremessavam-se para cima e para baixo, rodopiavam e rodopiavam [...] e as moscas subindo e descendo; e o sol sarapintando ora esta folha, ora aquela, brincalhão [...] algum eco (possivelmente da buzina de um carro) ressoando divinamente nos talos da grama - tudo isso, tranquilo e comedido como era, feito de coisas ordinárias como era, era agora a verdade, a beleza era agora a verdade. A beleza estava por toda parte. (Woolf, 2025, p. 75)

Segundo Marino e Siqueira (2022), apoiadas no estudo de Justyna Kostkowska (2013), que considera que a obra de Virginia Woolf se constrói por meio de uma “filosofia ecológica”, o período em que a escritora inglesa teve de passar no campo por recomendação médica, afastando-se dos solavancos violentos da agitada vida londrina, serviu para aguçar a sensibilidade da escritora para com outras formas de vida, que em seus diários “passa a escrever entradas que mostram uma pessoa mais observadora e menos gregária, além de trazer registros botânicos e de ornitologia” (Marino; Siqueira, 2022, p. 7). Neste período de confinamento, que Virginia nomeia como seus “Diários de Asheham”, é possível ler diversas passagens destinadas à observação da natureza, como esta de 1920, “os narcisos estão em flor; o jardim está juncado de açafreões dourados; já quase não há campainhas brancas; as pereiras estão em botão; os pássaros, rompem em canções; dias que parecem de Junho com um assomo de sol - o céu não está apenas colorido mas quente” (Woolf, 1987, p. 197), que inclusive se assemelham ao desejo de Elizabeth Dalloway, filha de Clarissa e Richard, de se afastar da cidade, quase uma projeção dos anos anteriormente experienciados por Virginia: “pois preferia ser deixada em paz, no campo, para fazer aquilo que gostava [...] e Londres era tão monótona em comparação com estar em paz no campo, só com o pai e os cachorros” (Woolf, 2025, p. 139).

Se por um lado parece arriscado traçar os pormenores biográficos de uma vida literária, a fim de encontrar na ficção cenas da vida da escritora, há de se

considerar, e aqui sem risco algum, como a representação do mundo natural vai se impondo na produção poética da escritora, distanciando-se de uma literatura antropocêntrica que nos assombra até os dias de hoje. Swanson (2012) considera que os anos de 1917 a 1921, que marcam experimentações de escrita na produção poética woolfiana, sobretudo na forma de contos, a exemplo de “Kew Gardens”, marcam uma virada copernicana na escrita de Virginia, que começa a ultrapassar a relação dual entre humanos e não humanos e abarca a criação de um mundo literário em que humanos são atravessados por seres outros, em um corpo a corpo com as múltiplas alteridades que os circundam. Em “Kew Gardens”, é o jardim botânico o protagonista do conto, que chega a ceder espaço para o ponto de vista de um caracol. Em *Ao farol*, as principais ações dos personagens são tomadas sob a presença de flores e plantas, a presença da natureza é soberana. Outrossim, a fragmentação da aparentemente ajustada vida humana, e sua pretensão de domínio sobre a terra, faz-se presente em seus romances seguintes: *Orlando*, *Flush*, *Os anos*, *Entre os atos*. E não se pode esquecer do pequeno texto publicado postumamente, “A morte da mariposa”, em que contrapõe-se a brutalidade da Segunda Guerra Mundial à fragilidade de um inseto, que pode mesmo ser considerado um ser abjeto, já que não se aproxima daquilo que consideramos como companheiros de casa, a exemplo de cães e gatos ou outros mamíferos, mas que ainda sim é um ser próprio - “era pequena, ou nada, mas vida” (Woolf, 2014, p. 143). Seriam esses os sutis gestos de uma poética que nos ensina a *estar* na companhia de flores, plantas, animais e objetos, mais do que deseja-los para nós? Ou mesmo de aprender a viver com aquilo que é diferente de nós?

Este conviver com, que abarca o reconhecimento de novas formas de vida e configurações outras de existência, anteriormente recalçadas no imaginário social, poderia promover uma reconfiguração de diversos paradigmas sociais - éticos, políticos e sociais. Não por acaso é que Virginia insere uma suave tonalidade lésbica ao romance ao sugerir a afetividade entre Clarissa e Sally Seton. Se anos mais tarde, com a publicação de *Um teto todo seu*, Virginia reclamaria a necessidade da representação do amor lésbico na literatura, “não enrubesçam. Vamos admitir, na privacidade de nossa própria sociedade, que essas coisas às vezes acontecem. Às vezes, as mulheres realmente gostam de mulheres” (Woolf, 1985, p. 41), em *Mrs Dalloway* já seria possível vislumbrar a inserção dessa dissidência sexual, que foge aos padrões heteronormativos: “Mas essa questão do amor (pensou, largado o casaco), isso de se apaixonar por mulheres. Sally Seton, por exemplo; sua relação, nos velhos tempos, com Sally Seton. Isso não teria sido amor, afinal (Woolf, 2025, p. 39-40)”. Curioso notar, contudo, que a descrição do enlace amoroso é emaranhada, outra vez mais, pela presença das flores, já que mesmo Sally possuía “jeito com as flores [...] colhia malvas, dalias - todo tipo de flores que nunca antes tinham sido vistas juntas” (Woolf, 2025, p. 41), numa recordação que habitava o mais íntimo de seu ser, para além de tudo que havia vivido até então:

Deu-se, então, quando passavam por um vaso de pedras cheio de flores, o momento mais extraordinário de toda a sua vida. Sally parou; arrancou uma flor; beijou-lhe os lábios. O mundo inteiro podia ter virado de ponta-cabeça! Os outros desapareceram; ali estava ela, a sós com Sally. (Woolf, 2025, p. 42-23)

Nesse breve espaço de tempo, Clarissa não era só mais uma pessoa que dava festas, mas uma mulher com suas amantes. Ainda que não se apresente um desfecho em relação ao surgimento dessa paixão, tendo em vista que a obra woolfiana não se rende aos caprichos de uma narrativa hegemônica, em que tudo é passível de conclusão exata, o que vale destacar é o ato de acender “uma tocha naquele vasto aposento ainda ninguém penetrou” (Woolf, 1985, p. 105). A totalidade da obra de Virginia Woolf, em especial *Mrs Dalloway*, é permeada dessas chamadas que ousam enfrentar à sua maneira o escuro do mundo, como era o temor da guerra à época da escrita do romance, experiência traumática da qual Virginia Woolf não conseguiu fugir. Inclusive, poder-se-ia pensar nas flores como símbolos desse novo porvir e de uma nova temporalidade, mesmo diante do contexto histórico sombrio que permeia o enredo, dentro e fora da obra, e do qual Virginia reflete, entre diversas outras passagens, na cena em que Richard vai ao encontro de Clarissa:

Mas ele queria chegar com alguma coisa nas mãos. Flores? Sim, flores. [...] tomando, com seu enorme buquê apertado contra o peito, a direção de Westminster, para dizer, sem rodeios e sem meias palavras (não importando o que ela fosse pensar dele), estendendo-lhe as suas flores: “Eu te amo”. Por que não? realmente, era um milagre quando se pensava na guerra, e nos milhares de pobres coitados, com toda uma vida pela frente, jogados numa vala comum, já quase esquecidos; era um milagre. Aqui estava ele, caminhando por Londres para dizer a Clarissa, com todas as palavras, que a amava. (Woolf, 2025, p. 120)

Os sentimentos de Richard são expressos por meio de flores, a linguagem das rosas confunde-se com a sua própria linguagem do amor, na medida em que mesmo a lógica logocêntrica o abandona ao não conseguir expressar em palavras, tão caras à nossa civilização, aquilo que sente - “ele estava oferecendo-lhe flores - rosas, rosas vermelhas e brancas. (Mas ele não conseguia dizer que a amava; não com todas as letras.)” (Woolf, 2025, p. 123). O milagre de se atrever a um gesto amoroso, em um contexto em que vidas foram perdidas, e o fazer por meio de flores, faz lembrar dos versos de Carlos Drummond de Andrade em “A flor e a náusea”. Diante da sujeira e da truculência do mundo, ainda assim seria possível que surgisse uma flor - “É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio” (Drummond, 2021, p. 13), ou como nos ensinam os versos de Cecília Meireles que serviram de epígrafe para esse artigo, faz-se necessário que aprendamos com a primavera a ousar sonhar com a possibilidade de renovação

individual e coletiva. A reflexão de Richard não é inútil, portanto, sobretudo se levar em conta que não se está só no mundo.

Por fim, vale destacar a cena final da obra, que condensa singelamente a experiência do (co)habitar que é o universo proposto por *Mrs Dalloway*. A festa se desenrola, as conversas se iniciam, os encontros, inesperados ou não, passam a ter vez. Clarissa sente-se deslocada no meio de sua própria multidão, ela como a “perfeita anfitriã”, mas que no âmago se via “desanimada com as relações humanas (as pessoas eram tão difíceis)” (Woolf, 2025, p. 195), indo até o jardim para obter “das flores uma paz que os homens e as mulheres nunca lhe deram” (Woolf, 2025, p. 195). Mas é um mundo de relações, em que se deve aprender também a conviver com o humano, e, ao final da celebração, em que os personagens começam a se despedir uns dos outros, é chegado o momento de Peter Walsh, antigo namorado de Clarissa, de dizer adeus à sua amiga. Porém o momento lhe causa uma estranha inquietação: “que terror é esse? que êxtase é esse? disse para si mesmo. O que é isso que me provoca uma excitação extraordinária? É Clarissa, disse. Pois ali estava ela. (Woolf, 2025, p. 197)”. Os sentimentos de Peter entrecruzam o passado, aquilo que um dia vivenciaram, o presente, estar diante da presença de um outro, e o futuro - voltarão a estar juntos? (quando?). A presença de Clarissa o atordoa, mas também o enche de prazer, fazendo com que o personagem perfaça a experiência da alteridade. Estar diante da vida seria estar diante de um mundo vasto e de tudo que ele contém. A presença de Clarissa, a protagonista, é a última, e também o desfecho da obra, mas ela não está sozinha. Mrs Dalloway estava ali. E suas flores também.

Considerações finais

Ao propor uma obra com um ecossistema próprio (Marino; Siqueira, 2022), Virginia Woolf escapa dos modelos convencionais de narrar, não tanto pelo fluxo de consciência com a qual a crítica comumente a associa, na esteira de comparação com autores que eram seus contemporâneos, a exemplo de James Joyce, e sim por adotar métodos que questionam a forma do romance moderno. Relega sua protagonista a um espaço por vezes secundário, ainda que a obra seja um mergulho em sua interioridade, e com isso questiona a noção de presença no mundo. Este deslocamento, estrategicamente posicionado, faz com que o público leitor seja obrigado a perceber aquilo que circunda a vida de Clarissa Dalloway, seres humanos, animais, objetos, plantas e flores, sendo que essas assumem um papel central na obra, não somente como adorno. (Re)viendo este mundo, então, apresentam-se lógicas outras para o que seria uma possível vivência no Planeta, em que se abririam espaços para as diferenças, as alteridades, para os Outros e Outras de nossa natureza-cultura (Haraway, 2021).

Com sua genialidade literária, de acordo com Donna Haraway, Virginia Woolf “compreendia os riscos de se treinar a mente e a imaginação para sair em visita, para

se aventurar além dos caminhos percorridos para encontrar parentes inesperados e não natais” (Haraway, 2023, p 235). Flanando pelos espaços urbanos e rurais, como flanava sua Mrs Dalloway, deixa em sua literatura as marcas desse “sair em visita”, fazendo com que em sua produção, conforme expusemos ao longo do artigo, não haja mais a primazia do mundo humano.

Desse modo, cem anos após sua publicação, pode-se ler *Mrs Dalloway*, bem como outras obras de Virginia Woolf, à luz de pensamentos e práticas ecocríticas e ecofeministas, enxergando novos contornos para um texto que, no ato de sua publicação, já havia sido concebido como um clássico. No contexto de emergência do século XXI, que suscita a criação de novas formas de vida e de novos mundos possíveis, muito distantes de todos os sistemas coloniais de opressão e de poder que temos vivenciados até então, a literatura de Virginia Woolf é um convite a práticas novas de habitar o Planeta. Talvez possamos seguir o exemplo de Richard Dalloway, que não sabia como dizer em palavras o que sentia, e deixar que o reino vegetal, ou outros reinos, possam tomar a voz e, a seu modo, nos ensinar o que significa viver.

GUIDA, A; MACHADO, D. A. Virginia Woolf’s ecological feminism: a garden of her own for Mrs Dalloway. **Itinerários**, Araraquara, n. 61, p. 53-69, jul./dez. 2023.

■ **ABSTRACT:** *The aim of this article is to approach Virginia Woolf’s Mrs Dalloway (1925) in the light of ecocriticism and ecofeminist thinking. In this way, it will show how this classic text by the renowned English writer promotes a dialogue between the human and natural worlds, distancing itself from a merely anthropocentric literary representation. Furthermore, by bringing Woolf’s poetics closer to studies that aim to problematize the way we deal with the Planet and other forms of life, we aim to think about the possibility of the foreshadowing of an ecological feminism in this text, which predates ecocritical/ ecofeminist theoretical studies and can therefore be read as a literary text that already discussed problems that would only come to light decades later. In order to address the theoretical framework, it will rely on thinkers from ecocriticism and ecofeminism, such as Plumwood (2003), Haraway (2021, 2023), and Swanson (2012). This will demonstrate the relevance of Mrs Dalloway on the centenary of its publication, which is still capable of giving rise to new readings and learnings, such as the ecological reading that can be made of this text in the 21st century.*

■ **KEYWORDS:** *Ecofeminism. Ecocriticism. English literature. Virginia Woolf. Mrs Dalloway.*

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **A força da idade**. v. 1. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- BELTRÁN, Elisabeth Peredo. Ecofeminismo. In: **Alternativas sistêmicas**: bem viver, decrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização. (org.) Solón, Pablo. Tradução de João Peres. São Paulo: Elefante, 2019.
- BRAIDOTTI, Rosi et al. **Mulher, ambiente e desenvolvimento sustentável**: para uma síntese teórica. Portugal: Instituto Piaget, 1994
- BRUM, Pedro. **Reflexão sobre a integração de princípios do (s) ecofeminismo (s) e do pensamento sistêmico na elaboração de diretrizes políticas e projetos de desenvolvimento da sociedade civil**. Mestrado em Ecologia humana. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade de Nova Lisboa-PT, 2017. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/30605/1/26.09.17.Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Pedro%20Brum%20CD.pdf>. Acesso em 30 mar 2025.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução de Newton Roberval Einchemberg. São Paulo: Cultrix, 1996.
- GAARD, Greta. Rumo ao feminismo queer. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.19, n. 1 janeiro-abril/2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/issue/view/1663>
- HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Tradução de Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**: fazer parentes no chtuluceno. Tradução de Ana Luiza Braga. São Paulo: N-1 edições, 2023.
- KOSTKOWSKA, Justyna. **Ecocriticism and women writers**: environmentalist poetics of Virginia Woolf, Jeanette Winterson and Ali Smith. Londres: Palgrave Macmillan, 2013.
- LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- MARINO, Mariana Cristina Pinto; SIQUEIRA, Emanuela. Experiências, paisagens e simetria no projeto estético-ecológico de Virginia Woolf. **Scripta Uniandrade**. v. 20, n. 2, 2022.
- MEIRELES, Cecília. **Mar Absoluto e Outros Poemas**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1945.
- MIES, Maria, SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo**. Tradução de Caroline Caires Coelho. Belo Horizonte: Luas editora, 2021.
- MORTON, Timothy. **O Pensamento ecológico**. Tradução de Renato Prelorentzou. São Paulo: editora Quina, 2023.
- PLUMWOOD, Val. **Feminism and the Mastery of Nature**. London: Routledge, 2003.

SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo**. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/602416-ecofeminismo-artigo-de-vandana-shiva>. Acesso em: 30 mar 2025.

SOARES, Angélica. Apontamentos para uma crítica literária ecofeminista. In: **Revista Garrafas**. V. 7, n. 20 (2009). Abril-junho. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/8441>. Acesso em: 30 mar 2025.

SCHISLER, Rebecca. **Toward a Theory of Violence: Nature, Ideology, and Subject Formation in Virginia Woolf**. 2012. Disponível em: <https://virginiawoolfmiscellany.wordpress.com/wpcontent/uploads/2013/09/vwm81spring2012.pdf>. Acesso em 30 mar 2025.

SWANSON, Diana. **Virginia Woolf and Critical Uses of Ecofeminism**. 2012. Disponível em: <https://virginiawoolfmiscellany.wordpress.com/wpcontent/uploads/2013/09/vwm81spring2012.pdf>. Acesso em 30 mar 2025.

SWANSON, Diana. Woolf's Copernican Shift: Nonhuman Nature in Virginia Woolf's Short Fiction. **Woolf Studies Annual**. New York: Pace University Press, 2012.

SWANSON, Diana. The Real World: Virginia Woolf and Ecofeminism. In: CZARNECKI, Kristin; ROHMAN, Carrie. **Virginia Woolf and The Natural World**. Clemson: Clemson University Digital Press, 2011.

TORRES, Maximiliano. O Ecofeminismo: um termo novo para um saber antigo. In: **Terceira Margem** • Rio de Janeiro • Número 20 • pp. 157-75 • janeiro/julho 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/11043>. Acesso em: 30 mar 2025.

WARREN, Karen. El poder y la promesa del feminismo ecológico. In: **Naturaleza y valor: una aproximación a la ética ambiental**. (compiladora) VALDÉS, Margarita M. México: Fondo de cultura económica, 2004.

WOOLF, Virginia. **Mrs Dalloway**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2025.

WOOLF, Virginia. **Três guinéus**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

WOOLF, Virginia. **O valor do riso e outros ensaios**. Tradução de Tomaz Tadeu. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.

WOOLF, Virginia. **Diários**. 1915-1926. Tradução de Maria José Jorge. Lisboa: Editora Bertrand, 1987.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do livro, 1985.

